

VÍCTOR DE SÁ: UM HOMEM NA HISTÓRIA

Henrique Barreto Nunes

BIBLIOGRAFIA DE VÍCTOR DE SÁ

Manuela Barreto Nunes



9Sá, Vítor de(04)
UN

Biblioteca Pública de Braga
Universidade do Minho

VÍCTOR DE SÁ: UM HOMEM NA HISTÓRIA

Henrique Barreto Nunes

BIBLIOGRAFIA DE VÍCTOR DE SÁ

Manuela Barreto Nunes

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54934

Barcelhã

Biblioteca Pública de Braga
Universidade do Minho

BRAGA 1991

Separata do livro:
Estudos de História Contemporânea Portuguesa

© Livros Horizonte, 1992
ISBN 972-24-0827-5

Impressão:
Rolo & Filhos, Artes Gráficas, Lda.
Fevereiro 1992

Dep. Legal nº 54046/92

VÍCTOR DE SÁ: UM HOMEM NA HISTÓRIA

Henrique Barreto Nunes

De seguro

Posso apenas dizer que havia um muro

E que foi contra ele que arremeti

A vida inteira.

(Miguel Torga)

1. UM MENINO BRINCAVA NA ESTRADA

O menino de cinco anos brincava na estrada naquele dia 28 de Maio de 1926 quando viu despontar, numa curva, um grupo de soldados e cavaleiros que, em passo tranquilo, de Braga se dirigiam para o Porto.

Um breve susto, uma corrida até casa para avisar a família e o retorno à brincadeira.

Só anos mais tarde o menino descobriu o real significado da passagem daquela coluna militar, que marcaria tão profundamente a sua vida, a vida de todos os portugueses.

Joaquim Víctor Baptista Gomes de Sá nasceu na freguesia de Cambeses, Barcelos, em 14 de Outubro de 1921.

O pai, Domingos Gomes de Sá era sargento (depois tenente) do Secretariado Militar, tendo sido expedicionário em Moçambi-

que durante a I Guerra. A mãe, Florinda Baptista da Silva André, professora primária.

A infância foi naturalmente despreocupada, passada na aldeia. Já em Braga, concluiu a instrução primária, com distinção, em 1932.

Uma repentina e precoce crise de misticismo leva-o, em Outubro daquele ano para o Seminário das Missões do Espírito Santo em Godim (Régua). Queria ser missionário em África!

Inicia os estudos liceais no Seminário, mas rapidamente descobre que não era aquilo que procurava. Um sinal de rebelião, encoberto com uma alegada falta de resistência física, obriga-o a regressar a Braga, já em 1934, não tendo concluído sequer o 1º ano.

A sua educação foi rígida, austera, quase castrense, dominada pelo espírito militarista do pai e pela obstinação e o amor da mãe, que pretende que triunfe nos estudos.

Regressado a Braga, Joaquim Víctor fez o curso secundário no Liceu Nacional de Sá de Miranda, que frequentará entre 1934 e 1941.

É um aluno médio, nunca ultrapassando os 12 valores, mas começa a distinguir-se noutras actividades.

Cedo se manifesta o seu gosto pela escrita, expresso nos primeiros artigos publicados no «Correio do Minho» em 1937 e na tentativa de ser correspondente do «República», que mais tarde se concretizará.

Revela-se um líder estudantil sendo, depois de renhidas eleições, presidente de Academia Bracarense e promotor de diversas iniciativas que já nessa altura agitam o marasmo cultural em que o Liceu e a cidade viviam.

Igualmente a sua consciência cívica é despertada por episódios de terrorismo político, de ódio contra os republicanos, a que assiste em Braga, coincidindo com o final da Guerra Civil de Espanha. Começa assim, em contacto directo com a realidade do quotidiano, a descobrir que vivia sob um regime prepotente e repressivo, como era o fascismo salazarista.

É um jovem inquieto, irrequieto, já com uma personalidade forte, seguro de si, confiante.

Confronta-se também com a rígida educação familiar. Em Junho de 1939, numa carta aos pais, motivada pela oposição que o namoro com a que seria a sua primeira mulher provoca, cita

Orson Marden: *as circunstâncias adversas criam forças. A oposição desenvolve em nós a resistência. Vencer um obstáculo torna-nos mais capazes de vencer um outro obstáculo que vier depois.* Esta capacidade de lutar contra todas as dificuldades será uma constante de sua vida.

Não admira assim que, terminado o curso liceal, e contra a vontade dos pais que, contudo acabam por o apoiar, decida interromper os estudos e ingressar na «escola da vida».

2. GOSTAVA DE LIVROS, QUIS SER LIVREIRO

O interesse pelos livros, pela leitura, pela reflexão dela decorrente, pela sua importância na formação cultural e cívica dos cidadãos era aliás uma paixão antiga.

No Liceu tinha criado, com alguns colegas, uma pequena biblioteca que fazia empréstimo de livros, rapidamente boicotada porque o reitor, além de perturbado pela ousadia, temia que a iniciativa produzisse maus frutos entre os alunos.

A frequência da Biblioteca Pública também não era motivadora. Predominava um conceito elitista da cultura, a leitura era desencorajada. O jovem Víctor emprega-se então na Livraria Gualdino. Como continuava a viver com os pais, utiliza os magros escudos provenientes do seu modesto salário para comprar livros. Um dia, porém, pareceu-lhe que era egoísmo deixar os livros nas estantes depois de lidos: e decidiu-se *facilitar a sua leitura domiciliária a quem se propusesse pagar uma taxa mensal diminuta.*

Surgiu assim, num período de acentuado obscurantismo cultural, a magnífica e generosa aventura que se chamou Biblioteca Móvel, posteriormente evocada num opúsculo que relata toda aquela experiência de tentar levar o livro, em selecção cuidada, a todos os que, pelo país fora, tinham fome de leitura e não possuíam poder de compra para a saciar.

Os resultados são surpreendentes, mas a reacção do poder instituído também não se faz esperar, e do púlpito aos jornais são inúmeras as vozes que denunciam e perseguem aquela incómoda iniciativa.

O gosto pela escrita não abandona Víctor de Sá. Colabora regularmente na imprensa local e regional e abalança-se a

publicar os seus primeiros livros, dedicados à divulgação do pensamento de Antero de Quental, a que se seguirá uma bibliografia Queirosiana, que inclui um pequeno ensaio sobre o livro em Portugal.

3. CULTURA E ACÇÃO

Também em 1942 inicia a sua luta contra o regime salazarista. Coincidindo com a actividade do MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Antifascista), alguns jovens criam em Braga um «núcleo de resistência e de formação ideológica», entre eles se contando Armando Bacelar, Francisco Salgado Zenha, o engenheiro agrónomo Flávio Martins e Víctor Sá.

Entretanto casa-se, continuando como empregado de livraria, já na Livraria Cruz.

Em 1944-45, dedica-se à actividade sindical, de que desistiria dada a impossibilidade de agir, e participa activamente na agitação política que se verifica no fim da Guerra, integrando o MUD desde 1945 (devem datar deste período os primeiros contactos com membros do Partido Comunista).

O ano de quarenta e sete marca a concretização de um grande sonho, a fundação da Livraria Víctor, na Rua dos Capelistas, mas é também o ano da primeira prisão, poucos dias antes da abertura do seu estabelecimento: é um primeiro, solene aviso, para tentar dissuadir aquele «perigoso agitador» de prosseguir a sua missão de difundir a cultura através do livro, de incendiar as consciências.

A PIDE detém-no por mais de um mês no Porto, sem explicações, sem direito a defesa. Na prisão está simultaneamente com os seus conterrâneos e amigos Francisco Zenha e o futuro mestre de guitarra clássica José Gabriel Bacelar.

Começa assim um rosário infundável de perseguições, calúnias e de ódio, de que nem o 25 de Abril o libertará totalmente, que atingirá duramente a sua actividade profissional e intelectual, mas que nunca o conseguirá vergar.

A sua livraria, apesar de todos os obstáculos que as sucessivas prisões (em 1949 e 1950) fazem aumentar, transforma-se num importante centro cultural e de resistência, o que leva à proibição de se dedicar à actividade editorial.

Entretanto, a Biblioteca Móvel depois de uma actividade ininterrupta durante oito anos, já não tem condições para sobreviver e acaba em 1950.

Casado, com três filhos, livreiro, com ficha na PIDE, alvo da hostilidade dos seus conterrâneos fiéis ao regime, Víctor de Sá decide prosseguir os seus estudos e matricula-se no Curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Coimbra em 1952.

Continua a escrever e a lutar, a reflectir e a agir. A sua colaboração na imprensa multiplica-se (escreve para a «Vértice», para a «Seara Nova», mas também para pequenos jornais), profere palestras, participa em colóquios e congressos, publica em livro trabalhos de divulgação cultural ou sobre questões da actualidade.

Sempre preocupado com os problemas do livro e da leitura, em 1955 lança através das páginas do «Correio do Minho» um «inquérito necessário», sobre a situação das bibliotecas de Braga, que depois se estende a todo o país. Foi uma autêntica pedrada no charco estagnado da política cultural portuguesa da altura.

Publicado depois em livro, «As bibliotecas o público e a cultura», continua hoje a ler-se com grande interesse, pois trata-se de um documento sociológico que nos traça um retrato vivíssimo das práticas de leitura dos portugueses na década de 50, apontando soluções e caminhos que só muito mais tarde viriam a ser percorridos.

A intervenção possível como cidadão, sobretudo nos períodos eleitorais, é marcada por novas prisões, sem julgamento, em 1956 e 1958, pelo impedimento de se dedicar à actividade editorial (1954) e pelos reflexos que provoca na opção académica que tinha tomado, quando decidiu, com grande sacrifício, ser estudante-trabalhador.

A sua prisão em 1958 (ano das eleições em que participou Humberto Delgado), por 3 meses, acontece quando se preparava para concluir a licenciatura em Coimbra, o que só se virá a verificar no ano seguinte, apresentando uma tese sobre Amorim Viana. Aliás a licenciatura, seguida que foi de uma nova arbitrariedade adiante referida, será pretexto para uma grande festa de homenagem, no Bom Jesus, que reúne centenas de oposicionistas ao regime. Os jornais foram coagidos a silenciar este acto público.

4. PROIBIDO DE ENSINAR

Terminada a licenciatura, concorre naturalmente a um lugar de professor no ensino secundário, sendo nomeado para a Escola Comercial de Braga. Só que não chegou a tomar posse. Um telefonema, feito da casa de uma conhecida figura bracarense por um zeloso representante da comissão política situacionista local (União Nacional) alertou o Ministério da tutela quanto ao inconveniente de ver aquele perigoso oposicionista como professor na «Cidade Santa da Revolução» e, de imediato, foi dada ordem para a posse não se consumir. Depois de tantos sacrifícios, o direito ao trabalho na função pública foi recusado a V. Sá, porque era desafecto à ordem estabelecida.

E prossegue a sua vida de luta e inconformismo, continuando como livreiro, escrevendo sem desânimo, agindo sempre que possível.

Assim sucedem-se mais duas prisões, a primeira em 1960, por 5 meses, sem julgamento, acompanhada do encerramento e selagem da livraria, contra o que a própria população bracarense, nomeadamente os comerciantes, reagiu com indignação generalizada.

Em 1961 foi candidato a deputado por Braga, nas eleições legislativas. Mas em 1962, a pretexto das Juntas Patrióticas, é vítima de nova detenção por 7 meses, desta vez culminada com julgamento em Tribunal Plenário, em que foi absolvido.

Víctor de Sá sofria intensamente, sentia na carne e no pensamento o drama de todos os intelectuais portugueses que se opunham ao regime salazarista e sonhavam construir um país diferente.

Proibido de ser professor por uma lei iníqua, impedido de tomar posições públicas sobre os problemas nacionais, já que a PIDE e a Legião estavam sempre vigilantes, perseguido na sua própria cidade por figuras influentes afectas ao regime, condicionado na própria expressão escrita, de que nunca desistiu, apesar da censura constituir um fantasma castrador, só o seu pensamento permanecia livre e inconformado, embora necessitasse de novos espaços, novos horizontes para se refinar, para se expandir.

Mas, que fazer?

5. PARIS: EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Inconformado com a situação de marginalização intelectual e académica a que estava condenado, apesar de possuidor já de um apreciável curriculum, com algum trabalho de investigação centrado sobretudo no século XIX, em Abril de 1962 Vítor de Sá decide apresentar um pedido de bolsa de estudo em Paris à Fundação Calouste Gulbenkian.

O seu plano de trabalho inicial incide na «actividade cultural dos portugueses em França no período oitocentista», o que lhe valeu a concessão da bolsa e a discreta (não fosse o diabo tecê-las...) partida para Paris em 15 de Setembro do ano seguinte.

É então que conhece o Prof. Georges Boisvert que lhe fala detalhadamente na obra já produzida, e o Prof. Leon Bourdon que lhe sugere candidatar-se a um doutoramento. De imediato toma consciência da situação de atraso em que os portugueses se encontravam no domínio da historiografia científica, no seu caso agravada por se ter formado, mesmo na Universidade, *num círculo de estreiteza intelectual e de limitado acesso à informação e ao intercâmbio de ideias*. Assim começa por fazer um exame autocrítico dos conceitos históricos que anteriormente considerava validamente estabelecidos, lançando-se de seguida *na organização sistemática e crítica de conhecimentos sobre a história contemporânea portuguesa*.

Ao fim do primeiro ano de estágio em França *compreendi que as formas de saber história que aqui [em Portugal] nos ministram nas escolas e nas universidades não são na generalidade formas válidas de conhecimento*.

Os problemas de ordem metodológica e científica que o atormentaram naquele período, a ruptura que teve que fazer relativamente à sua formação «histórica» tradicional, as hesitações e as opções finalmente tomadas são exemplarmente apresentadas por Vítor de Sá em diversos textos incluídos nos livros «Regressar para quê?» e «A história em discussão».

De qualquer modo, os resultados são positivos tanto que o projecto de investigação que apresentou e o trabalho realizado levam a que seja admitido à frequência do «3º cycle de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris», com vista à realização de um doutoramento.

O contacto com mestres como Bourdon, Silbert, Vilar, Labrousse, Gurvitch e outros, a frequência de cursos e seminários, a utilização de bibliotecas bem apetrechadas, o convívio e a discussão aberta com intelectuais de diversa formação, a leitura e a reflexão necessárias a um aturado trabalho de investigação, permitem-lhe adquirir informação, organizar os seus conhecimentos, levam-no mesmo a alterar os seus planos iniciais.

A Fundação Calouste Gulbenkian aposta em Victor de Sá, reconhecendo que cumpre exemplarmente as suas obrigações de bolseiro e acabará por facultar-lhe a permanência em Paris durante 5 anos, no termo dos quais apresenta e defende brilhantemente na Sorbonne a sua tese de doutoramento, finalmente intitulada, depois de diversas inversões na marcha da investigação, «A crise do liberalismo e as primeiras manifestações do pensamento socialista em Portugal». Um júri altamente qualificado, presidido pelo Prof. L. Bourdon, em 6 de Janeiro de 1969, atribui-lhe a menção mais elevada, ou seja, a de «très bien», com equiparação da tese apresentada à tese complementar de «doctorat d'Etat».

Victor de Sá permaneceu 5 anos em Paris, onde viveu o Maio de 1968, sem nunca ter vindo a Portugal, mesmo em férias, que por duas vezes passou na Galiza com os filhos, com receio de que as autoridades policiais o impedissem de voltar ao seu trabalho na Sorbonne.

Tendo decidido dedicar-se exclusiva e intensamente ao seu trabalho de investigação, absteve-se de qualquer intervenção pública ou mesmo de se envolver com os numerosos exilados políticos portugueses que se encontravam em Paris e com muitos dos quais mantinha relações.

Isto não impediu que no período eleitoral de 1965, o seu infatigável inimigo Santos da Cunha e os respectivos próceres bracarenses, lançassem uma campanha de calúnias e mentiras, que obrigaram Víctor de Sá a reagir, apresentando queixa no Tribunal de Braga contra aquela figura carismática do fascismo português — e só uma amnistia política livrou S. Cunha de ser condenado.

Concluídas as provas de doutoramento, cumprida a sua missão científica, orgulhoso dos seus pergaminhos, acreditando apesar de tudo num futuro melhor, Víctor de Sá regressa a Portugal no próprio mês em que termina o doutoramento, depois de uma ausência de mais de cinco anos.

6. «REGRESSAR PARA QUÊ?»

Com expectativa, com esperança, desembarca em Lisboa no dia 14 de Janeiro de 1969, já se vivia a «primavera» marcelista:

— *Não quero comentar a recepção. A recepção oficial, claro está. Horas passadas na cadeia, fotografias de frente e perfil, impressões digitais, malas revolvidas, bolsos despejados. Não, não quero.*

E tal como a recepção prenunciou, as portas continuaram fechadas.

E o tempo passa, o desânimo parece querer apoderar-se de Víctor Sá: *e reparo como todo o sacrifício da ausência começa a ficar inútil perante a desocupação do meu viver. Uma existência intelectual outra vez de amador, escrevendo nas horas vagas.*

Continua impedido de desempenhar funções públicas. O próprio doutoramento na Sorbonne, apesar de uma teimosa pendência com o Ministério da Educação, não lhe é reconhecido. E é-lhe igualmente recusada uma bolsa entretanto solicitada ao IAC, a fim de prosseguir as suas investigações sobre História Contemporânea Portuguesa. Por isso volta-se novamente para a livraria, que entretanto amplia e enriquece com uma galeria de arte, ponto de encontro dos intelectuais e democratas bracarense, que lhe garante a sobrevivência nos anos que se seguiram.

De qualquer modo acredita que *à noite há-de suceder fatalmente a aurora cujos raias todos vamos esboçando.* E por isso não pactua, não aceita a convivência do silêncio.

Não abandona a escrita. Publica a sua tese de doutoramento, «A revolução de Setembro de 1836» e «Regressar para quê?», que é de imediato apreendido pelas autoridades policiais, além de continuar a colaborar em jornais e revistas.

Está presente, quando tal é possível, nas grandes e pequenas lutas, sempre que é permitido à Oposição manifestar-se.

Mas por exemplo, não é autorizado a integrar as listas da Oposição Democrática de Braga, nas eleições de 1969, na sequência da perseguição que mais uma vez lhe é movida por António Santos da Cunha, sob alegação de que a sua ausência em França, por mais de 5 anos, não era considerada como um «serviço ao país».

Apesar de todos os obstáculos, mantém-se politicamente activo, estando presente nos Congressos Republicanos de Aveiro,

ou nas comemorações do 31 de Janeiro, organizando um importante colóquio sobre a reforma do ensino (Braga, 1971), participando nas eleições de 1973, em que a Oposição mais uma vez se viu obrigada a desistir, lutando sempre na sombra para derrubar um regime que continuava a oprimir ferozmente o povo português.

Porém, em breve surgiria uma gloriosa madrugada de Abril....

7. FINALMENTE ABRIL

*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*

(Sofia de Melo Breyner Andresen)

A longa e dura luta pela libertação do povo português do jugo do fascismo, da qual Vítor de Sá tinha sido um protagonista, concretizou-se com o 25 de Abril de 1974.

Vítor de Sá vai naturalmente empenhar-se na construção da democracia nascente. Discursa no primeiro grande comício da liberdade realizado em Braga, na Praça do Município, logo a 26 de Abril.

Integrando o MDP/CDE é convidado a dirigir a partir de Maio, o «Correio do Minho», até então bastião da extinta Acção Nacional Popular, que passará a ser porta voz do Movimento Democrático de Braga.

Depois da festa da revolução, dos meses alegres e conturbados que se seguiram, as forças conotadas com o antigo regime começam a levantar a cabeça. No Verão de 75 em Braga vive-se um clima de anticomunismo primário e violento, instigado pelos sectores mais reaccionários e pela própria hierarquia da Igreja bracarense, que elegeram as forças progressistas, com as quais Vítor de Sá se identificava, como alvo privilegiado. E assim, para além de todos os acontecimentos por demais conhecidos, das ameaças físicas e de diversos atentados terroristas à sua livraria, Vítor de Sá volta a passar por momentos que julgava para sempre esquecidos.

Por outro lado, depois da revolução, a sua situação profissional é finalmente regularizada, sendo-lhe reconhecido o

direito de integrar a Função Pública, bem como a equiparação oficial a Doutor em História pelas Universidades Portuguesas. Os convites para a docência em diversas universidades não lhe faltam, mas acaba por fixar-se, em Setembro de 1974, na Faculdade de Letras do Porto, onde foi aceite por unanimidade do Grupo de História como professor-auxiliar além do quadro. Concretiza-se assim um dos seus sonhos mais caros, passando a ensinar na universidade portuguesa, que finalmente lhe reconhece os méritos e a qualificação académica.

Pouco depois, ainda em 1975, é a novel Universidade do Minho que o requisita para, em acumulação, aí reger algumas disciplinas.

Na Faculdade de Letras do Porto tem oportunidade de pôr em prática algumas das suas concepções inovadoras sobre o ensino e a investigação em História, estando na origem da criação do Centro de História da Universidade do Porto que, desde o regresso de França vinha defendendo.

A docência incide na História Contemporânea de Portugal, incentivando e orientando centenas de alunos na realização de trabalhos sobre aquele período, o qual lhe continua a inspirar os artigos e monografias que vai regularmente publicando, nomeadamente nos Livros Horizonte, que dedica uma colecção às suas obras.

8. SOMBRAS E CLARÕES

Uma nova provação entretanto o espera: desejando prosseguir a sua carreira universitária, em 1978 submete-se a provas para professor agregado da Faculdade de Letras do Porto, apresentando um trabalho sobre a «Formação do movimento operário português», tema cuja escolha aliás revela uma certa ousadia.

Porém, por razões não totalmente esclarecidas, a que a composição do júri poderá não ser estranha, não consegue ultrapassar com êxito estas provas, o que o abala profundamente. Em confidências aos amigos considera que foi vítima de «bárbara agressão intelectual» ou de mais um «acto de terrorismo».

São inúmeras as provas de solidariedade e apoio que recebe de vultos cimeiros e insuspeitos da intelectualidade

portuguesa, enquanto a imprensa de direita rejubila com o acontecimento.

Mas Víctor de Sá logo empreende um novo combate, candidatando-se a outras provas, agora ao abrigo de uma disposição legal que previa a votação nominal e justificada por parte do júri. Tenta assim com as armas que tem ao seu alcance ultrapassar uma situação que considerava vexatória e o atingia na sua dignidade científica.

Porém, a própria legislação vigente foi suspensa e, embora tenha sido nomeado Professor Associado em 1984, aguarda desde 1978 a realização das provas de agregação a que então foi admitido.

A actividade docente e a investigação contudo não o impedem de continuar a ter um papel interveniente como cidadão, já que o seu prestígio não foi abalado pelo sucedido na Universidade.

Cabeça de lista de Braga pela Aliança Povo Unido nas eleições para a Assembleia da República em 1979, é o primeiro candidato comunista a ser eleito na região Norte (Porto excluído), o que se repetiria em 1980. É deputado entre Janeiro de 1980 e Março de 1981, data em que renunciou ao mandato para regressar à Universidade.

Na Assembleia da República, pese considerar que não tinha qualidades de parlamentar e estranhar as condições de trabalho existentes, mesmo a nível partidário, não foi um deputado passivo, tendo integrado algumas comissões da A.R. e realizado diversas intervenções, com particular incidência nos domínios da cultura e da ciência.

Alguna frustração, a desilusão dos anos recentes, estão certamente na origem de um acidente vaso-cerebral de que em finais de 1981 é vítima e que depois se repetiria. O corpo parece estar cansado, mas este homem de rija têmpera, desde muito novo habituado a lutar, não cede com facilidade.

Nesta altura interroga-se sobre o destino a dar a todo o espólio documental produzido e recolhido ao longo da vida, nomeadamente o resultante do seu trabalho de investigação ou da actividade política, e decide-se entregá-lo à guarda da Biblioteca Pública de Braga.

Recupera energias e o ânimo, volta a casar, deixa Braga definitivamente, retoma a docência, prossegue na investigação e na publicação dos seus trabalhos, concretiza um projecto que há

anos trazia entre mãos: o levantamento de imprensa operária portuguesa (1836-1986), cujo Roteiro acaba de ser publicado pela Editorial Caminho, com o apoio do Instituto Português do Livro e da Leitura e que será uma obra de referência imprescindível.

Recolhido entretanto à serenidade dos lugares de Sintra, propõe à Universidade do Minho/Biblioteca Pública de Braga, num acto de enorme generosidade e ineditismo, a criação de um prémio destinado a trabalhos de jovens investigadores sobre história contemporânea portuguesa, incentivando os interessados a rentabilizarem o seu espólio documental depositado na BPB, para tal contribuindo com uma avultada verba.

O papel desempenhado na luta constante pela liberdade e pela democracia em Portugal não é esquecido e assim, como justo corolário, em 10 de Junho de 1990, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, recebe em Braga, das mãos do Presidente da República, Mário Soares, a comenda da Ordem da Liberdade.

Chegado aos 70 anos, altura da sua jubilação universitária, continua a trabalhar embora num ritmo mais lento, mas sempre com entusiasmo e lucidez, nos seus temas favoritos e noutros, em sintonia com as novidades do tempo.

Víctor de Sá, como esta breve biografia e a sua vasta bibliografia o podem atestar, é bem um homem no seu tempo, para quem a História e a Vida, a investigação e a intervenção pública, a reflexão e o trabalho sempre se articularam dura mas harmoniosamente, constituindo um exemplo que é justo realçar.

BIBLIOGRAFIA DE VÍCTOR DE SÁ

Manuela Barreto Nunes

1 – COLABORAÇÃO EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

1.1 – PENSAMENTO E ACÇÃO (1937-1944)

Ceuta! «Correio do Minho», Braga, 30 Out. 1937, p. 3.

Glória académica. «Correio do Minho», Braga, 21 Nov. 1937, p. 1.

Noite gloriosa das capas negras. «Correio do Minho», Braga, 11 Dez. 1937, p. 3.

Sacrifício pátrio. «Correio do Minho», Braga, 19 Jan. 1938, p. 3.

Os Centenários em Braga. «Diário do Minho», Braga, 20 Jan. 1939, p. 2.

Camões estudante. «Correio do Minho», Braga, 10 Jun. 1938, p. 1.

Clichés sonoros da praia. «Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 14 Ago. 1938; 27 Ago. 1938; 3 Set. 1938.

Comemorações centenárias. «Correio do Minho», Braga, 19 Nov. 1938, p. 1.

Estudantes em acção... «Diário do Minho», Braga, 15 Jan. 1939, p. 4.

Como se resolvia o problema da entrada de menores em cinemas na opinião de um leigo. «Correio do Minho», Braga, 19 Maio 1939, p. 3.

Crónica da Póvoa. «Diário do Minho», Braga, 13 Set. 1939, p. 2.

Crónica da Póvoa de Varzim. «Diário do Minho», Braga, 20 Set. 1939, p. 2; 24 Set. 1939, p. 3; 1 Out. 1939, p. 4.

A Bem da dignidade dos bracarenses!: línguas sujas. «Diário do Minho», Braga, 28 Out. 1939, p. 1, 4.

Barão de S. Lázaro: incansável trabalhador dará na récita do primeiro de Dezembro mais uma prova do seu brilhante talento. «Diário do Minho», Braga, 10 Nov. 1939, p. 1, 4.

Vai ressurgir a Academia de Braga. «Diário do Minho», Braga, 10 Nov. 1939, p. 1, 4.

Entrevista ao presidente da Academia do Liceu Nacional Sá de Miranda, Braga: grandes preparativos para uma grande récita: o que vimos e ouvimos. «Diário do Minho», Braga, 26 Nov. 1939, p. 1, 4.

O Dia da cultura nacional: uma iniciativa que não pode morrer. «Diário do Minho», Braga, 13 Jan. 1940, p. 4.

Mocidade mártir. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 10 Mar. 1940, p. 2 [i. é 4]. (*Discurso que deveria proferir na inauguração da Sala Cultural Académica do Liceu Nacional Sá de Miranda, Braga.*)

As Vespas: o que são e o que valem para o homem. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 31 Mar. 1940, p. 4.

O Inventor da imprensa. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 12 Maio 1940, p. 4.

A Influência da imprensa no progresso da humanidade. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 4 Ago. 1940, p. 4.

O Livro anteriormente à tipografia. «Mocidade», Ponte de Sôr, 18 Ago. 1940, p. 3.

As Colectividades de recreio e de desporto perante o problema da instrução popular. «Diário do Minho», Braga, 7 Set. 1940, p. 1, 4.

Introdução da tipografia em Portugal. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 22 Set. 1940, p. 3, 4.

Considerações sobre a actividade intelectual e cultural em Braga. «Diário do Minho», Braga, 4 Out. 1940, p. 1.

Preparar os homens de amanhã!: efectuou-se ontem a abertura solene do novo ano escolar do Liceu Sá de Miranda. «Diário do Minho», Braga, 10 Out. 1940, p. 1, 4.

A Maravilha das maravilhas: o homem perante o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. «Maria da Fonte», Póvoa de Lanhoso, 13 Out. 1940, p. 1.

O Pólo Sul e Charcot. «Mocidade», Ponte de Sôr, 10 Nov. 1940, p. 3.

O Pensamento de Descartes o genial fundador da filosofia moderna. «Maria da Fonte», Póvoa de Lanhoso, Nov. 1940, p. 1.

Tolstoi e a «Sonata de Kreutzer». «Mocidade», Ponte de Sôr, 8 Dez. 1940, p. 2.

A Segunda expedição de Charcot ao Pólo Sul. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 15 Dez. 1940, p. 2.

O Ateneu Comercial e a sua nova fase de vida. «Diário do Minho», Braga, 18 Dez. 1940, p. 1.

Considerações a propósito do actual Congresso Nacional das colectividades populares de educação, recreio e desporto. «Diário do Minho», Braga, 24 Dez. 1940, p. 1.

A Propósito da reabertura das Escolas Normais. «Diário do Minho», Braga, 29 Dez. 1940, p. 4.

Considerações pedagógicas. «Diário do Minho», Braga, 10 Jan. 1941, p. 4.

Introdução da tipografia em Portugal: Braga foi a primeira cidade que a possuiu. «Diário do Minho», Braga, 12 Jan. 1941, p. 2.

Um Biógrafo ilustre. «Maria da Fonte», Póvoa de Lanhoso, 12 Jan. 1941, p. 2.

Zola. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 19 Jan. 1941, p. 4.

António Vieira, E. Zola e as minas. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 2 Fev. 1941, p. 4.

Cultura popular. «Maria da Fonte» Póvoa de Lanhoso, 2 Fev. 1941, p. 2; 16 Fev. 1941, p. 2.

«O Crime do Padre Amaro» e o realismo. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 16 Fev. 1941, p. 2.

Educação e ensino: o problema da infância. «Diário do Minho», Braga, 1 Mar. 1941, p. 4.

As Biografias de Agostinho da Silva. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 9 Mar. 1941, p. 2; 16 Mar. 1941, p. 4.

A Mocidade de Antero: apontamentos coligidos para um ensaio biográfico. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 20 Abr. 1941, p. 3,4; 27 Abr. 1941, p. 2.

Educar: conceito e processo de educação. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 11 Maio 1941, p. 4.

O Exemplo do Padre António Vieira. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 20 Jul. 1941, p. 4.

Ensino liceal. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 3 Ago. 1941, p. 4.

A Mulher. «Jornal de Ílhavo», Ílhavo, 10 Ago. 1941, p. 1 (Editorial).

O Valor educativo das biografias. «Ecos do Sul», Vila Real de Santo António, 11 Dez. 1941, p. 1 (Editorial).

Mocidade dramática: a luta pela vida. «Ecos do Sul», Vila Real de Santo António, 11 Jan. 1942, p. 1,3 (Editorial).

A Dualidade do conceito de história. «Ecos do Sul», Vila Real de Santo António, 25 Jan. 1942, p. 1 (Editorial).

Crónica de Braga. «Correio do Minho», Braga, 31 Ago. 1942, p. 2.

Eça de Queiróz: temperamento artístico único – mas uma consciência moral imperfeita. «Ecos do Sul», Vila Real de Santo António, 6 Set. 1942, p. 2, 3.

Um Poeta do nosso tempo: Álvaro Feijó. «Ecos do Sul», Vila Real de Santo António, 22 Abr. 1943, p. 2.

«A Criança nas relações com o adulto», de Mário Sacramento. «Independência de Águeda», Águeda, 14 Ago. 1943, p. 1.

Do Mal, suas causas e seus remédios. «Ecos do Sul», Vila Real de Santo António, 31 Jan. 1944, p. 2.

1.2 – INFÂNCIA JORNALÍSTICA (1938-1940)

O Fim das aulas. «Correio do Minho», Braga, 18 Jun. 1938, p. 2.

O S. João à porta... «Correio do Minho», Braga, 19 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Os Últimos preparativos... «Correio do Minho», Braga, 21 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Incêndios. «Correio do Minho», Braga, 23 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Paraíso terrestre... «Correio do Minho», Braga, 23 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Chegou o Verão. «Correio do Minho», Braga, 26 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

O Soldado. «Correio do Minho», Braga, 29 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Rua do Souto ao meio dia. «Correio do Minho», Braga, 30 Jun. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Gralhas. «Correio do Minho», Braga, 1 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Enquanto é «trégua»... «Correio do Minho», Braga, 5 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Onde toca a música, Zéquinha?. «Correio do Minho», Braga, 6 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Que lástima!... «Correio do Minho», Braga, 9 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Música na Avenida. «Correio do Minho», Braga, 10 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Um Alvitre. «Correio do Minho», Braga, 12 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Acerca dos festivais do Parque da Ponte. «Correio do Minho», Braga, 13 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Ainda sobre os festivais do Parque da Ponte. «Correio do Minho», Braga, 14 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

O Festival do Parque da Ponte: muitos números de grande atracção. «Correio do Minho», Braga, 15 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Festa do Aero-Club nos jardins da sua sede constituiu uma reunião elegante e brilhantíssima. «Correio do Minho», Braga, 17 Jul. 1938, p. 3.

Origens «malignas»... «Correio do Minho», Braga, 21 Jul. 1938, p. 2.

«Enquanto esperam...» «Correio do Minho», Braga, 24 Jul. 1938, p. 2. (Crónica «Da cidade»).

Excursões... pouco sensatas. «Correio do Minho», Braga, 26 Jul. 1938, p. 2.

Uma Enfermaria... encantadora. «Correio do Minho», Braga, 27 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Um Esclarecimento... «Correio do Minho», Braga, 29 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Coisas do vinho... «Correio do Minho», Braga, 30 Jul. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Antes prevenir... «Correio do Minho», Braga, 7 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Pede-se um bocadinho de educação... «Correio do Minho», Braga, 8 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Soma e segue... «Correio do Minho», Braga, 9 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Brio, educação e dignidade. «Correio do Minho», Braga, 13 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Bem de Braga! «Correio do Minho», Braga, 14 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Eterna insatisfação dos homens. «Correio do Minho», Braga, 15 Set. 1938, p. 2. (Crónica «Da cidade»).

Que boa espiga!... «Correio do Minho», Braga, 16 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Por causa de um rato... «Correio do Minho», Braga, 17 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Ironias... «Correio do Minho», Braga, 23 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Telefones públicos. «Correio do Minho», Braga, 24 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Porque frequentamos a Arcada? «Correio do Minho», Braga, 29 Set. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Dar nas vistas... Hora legal. «Correio do Minho», Braga, 2 Out. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Através da crítica...: Tarakanova: um filme excelente. Anne Vernay: uma vedeta jovem e encantadora. «Correio do Minho», Braga, 9 Out. 1938, p. 1, 3.

Uma Estrela no céu de Adaúfe... «Correio do Minho», Braga, 9 Out. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Nova vida citadina. «Correio do Minho», Braga, 11 Out. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Recomeçando... espirros masculinos... Como se enchem cérebros ocos... «Correio do Minho», Braga, 12 Out. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

À Volta do concurso infantil do «Correio do Minho». «Correio do Minho», Braga, 27 Out. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Braga nas comemorações centenárias. «Correio do Minho», Braga, 8 Nov. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Avenida Marechal Gomes da Costa. «Correio do Minho», Braga, 12 Nov. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Prossigamos, que é por bem. «Correio do Minho», Braga, 13 Nov. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Os Nossos dias... «Correio do Minho», Braga, 25 Nov. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Volta das críticas à récita académica do 1º de Dezembro: pontos nos ii. «Diário do Minho», Braga, 4 Dez. 1938, p. 2.

Voltando à fala. «Correio do Minho», Braga, 18 Dez 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Uma História com 37 mulheres. «Correio do Minho», Braga, 20 Dez. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

O Caso do estudante «chumbado». «Correio do Minho», Braga, 21 Dez. 1938, p. 2.

Pois é verdade... mais histórias. «Correio do Minho», Braga, 23 Dez. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Izabelita com 50\$00!. «Correio do Minho», Braga, 24 Dez. 1938, p. 2. (Crónica «Da cidade»).

O Epílogo de duas imprevidências. «Correio do Minho», Braga, 28 Dez. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

As Montras da cidade. «Correio do Minho», Braga, 30 Dez. 1938, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Algumas missões árduas de graça de proveito público. «Correio do Minho», Braga, 31 Dez. 1938, p. 2.

Mudança de ano. «Correio do Minho», Braga, 1 Jan. 1939, p. 2.

O Natal e os comerciantes. «Correio do Minho», Braga, 4 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Academia de Braga. «Correio do Minho», Braga, 15 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Balanço trágico-cómico. «Correio do Minho», Braga, 20 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Uma Idéa (ideia) que auxilia os artistas. «Correio do Minho», Braga, 21 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Defendendo a arte e o trabalho. «Correio do Minho», Braga, 22 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Como a Casa Eden comemorou o seu 1º aniversário. «Correio do Minho», Braga, 24 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Fazer bem: um exemplo que todos devem seguir. «Correio do Minho», Braga, 25 Jan. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

O Carnaval. «Correio do Minho», Braga, 19 Fev. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

A Abrir... «Correio do Minho», Braga, 3 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

A Festa «Correio do Minho». «Correio do Minho», Braga, 5 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Panos pretos... João Penha. O Sr. Américo. «Correio do Minho», Braga, 8 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Festas. Os ourives em revolução... Outra vez o Sr. Américo... «Correio do Minho», Braga, 9 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

A Venda do capacete: um dever. «Correio do Minho», Braga, 11 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Falta de limpeza. Cuspinhar. De manhã: lixo e caixotes velhos. «Correio do Minho», Braga, 12 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Cautela! «Correio do Minho», Braga, 14 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Relógio enganador de meninos. É assim mesmo. «Correio do Minho», Braga, 15 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

«Cedemos hoje a palavra a um estrangeiro...». «Correio do Minho», Braga, 20 Abr. 1939, p. 2 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

«!Allô!...». *Alto-falantes.* «Correio do Minho», Braga, 22 Abr. 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

A Desfazer um engano... «Correio do Minho», Braga, 23 Abr. 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

As Sessões radiofónicas na avenida. O monumento aos mortos da Grande Guerra. Campo da Vinha: uma vergonha. «Correio do Minho», Braga, 28 Abr. 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

A Academia e os centenários. «Correio do Minho», Braga, 29 Abr. 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

«Temos muitos outros afazeres de importância». «Correio do Minho», Braga, 18 Maio 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

S. Rev.ma D. João Cândido de Novais ... diz-nos da dedicação dos bracarenses à sua instituição, da récita de 2 de Jun. próximo e da colaboração valiosa para esse espectáculo brilhante. «Correio do Minho», Braga, 21 Maio 1939, p. 1, 4.

Alívio!. «Correio do Minho», Braga, 27 Maio 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Orfeão militar. Chuva a cântaros. Espectáculo de gala. «Correio do Minho», Braga, 3 Jun. 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

Camões. «Correio do Minho», Braga, 10 Jun. 1939, p. 3 (Crónica «Pétalas... e farpas»).

A Avenida à noite. «Correio do Minho», Braga, 17 Jun. 1939, p. 2 (Crónica «Da cidade»).

Uma Impressão da «Varanda dos Rouxinóis». «Diário do Minho», Braga, 12 Jan. 1940, p. 3.

1.3 – RETALHOS: CRÓNICA SEMANAL (1941-1942)

Retalhos. «Maria da Fonte», Póvoa de Lanhoso, 9 Mar. 1941, p. 1; 16 Mar. 1941, p. 1; 23 Mar. 1941, p. 1; 30 Mar. 1941, p. 1; 6 Abr. 1941, p. 2; 20 Abr. 1941, p. 1; 27 Abr. 1941, p. 1; 4 Maio 1941, p. 1; 11 Maio 1941, p. 1; 18 Maio 1941, p. 1; 15 Jun. 1941, p. 1; 22 Jun. 1941, p. 1; 29 Jun. 1941, p. 1; 6 Jul. 1941, p. 1; 13 Jul. 1941, p. 1; 20 Jul. 1941, p. 1; 27 Jul. 1941, p. 1; 17 Ago. 1941, p. 1; 24 Ago. 1941, p. 1; 14 Set. 1941, p. 1; 21 Set. 1941, p. 1; 5 Out. 1941, p. 1; 12 Out. 1941, p. 1; 19 Out. 1941, p. 1; 26 Out. 1941, p. 2; 16 Nov. 1941, p. 1; 23 Nov. 1941, p. 1; 30 Nov. 1941, p. 1; 7 Dez. 1941, p. 1; 14 Dez. 1941, p. 1; 21 Dez. 1941, p. 1; 28 Dez. 1941, p. 1; 4 Jan. 1942, p. 1; 18 Jan. 1942, p. 1; 25 Jan. 1942, p. 1; 1 Fev. 1942, p. 1; 8 Fev. 1942, p. 1; 15 Fev. 1942, p. 1; 1 Mar. 1942, p. 1; 15 Mar. 1942, p. 1; 22 Mar. 1942, p. 1; 26 Abr. 1942, p. 1; 24 Maio 1942, p. 1; 14 Jun. 1942, p. 1; 28 Jun. 1942, p. 1.; 23 Ago. 1942, p. 1. Cortados pela censura: 9 Mar. 1941; 6 Jul. 1941; 23 Nov. 1941.

Retalhos. «Gazeta do Sul», Montijo, 15 Fev. 1942, p. 3 (Transcrição de «Maria da Fonte», Póvoa de Lanhoso, 1 Fev. 1942).

1.4 – TESTEMUNHOS DE UM TEMPO DE MUDANÇA (1974-1975)

Homenagem às Forças Armadas. «Correio do Minho», Braga, 3 Maio 1974, p. 1, 4.

O 1º de Maio: um plebiscito. «Correio do Minho», Braga, 4 Maio 1974, p. 1.

Corrupção. «Correio do Minho», Braga, 9 Maio 1974, p. 1.

Vigilância. «Correio do Minho», Braga, 10 Maio 1974, p. 1.

Unidade. «Correio do Minho», Braga, 11 Maio 1974, p. 1.

Distinção necessária. «Correio do Minho», Braga, 14 Maio 1974, p. 1.

Não ao caos económico. «Correio do Minho», Braga, 17 de Maio 1974, p. 1.

Sim às reivindicações justas. Não às chantagens ilícitas. «Correio do Minho», Braga, 24 Maio 1974, p. 1.

Boas perspectivas de expansão económica. «Correio do Minho», Braga, 26 Maio 1974, p. 1.

O Nosso combate. «Correio do Minho», Braga, 28 Maio 1974, p. 1.

Quem não deve não teme. «Correio do Minho», Braga, 30 Maio 1974, p. 1.

Despedimentos. «Correio do Minho», Braga, 1 Jun. 1974, p. 1.

Razões de uma força e da força da reacção. «Correio do Minho», Braga, 5 Jun. 1974, p. 1.

Uma Herança caótica. «Correio do Minho», Braga, 9 Jun. 1974, p. 1, 4.

Administração interna: continuamos na «Democracia orgânica»? «Correio do Minho», Braga, 15 Jun. 1974, p. 1.

Convivência internacional. «Correio do Minho», Braga, 16 Jun. 1974, p. 1.

Convivência e responsabilidade. «Correio do Minho», Braga, 28 Jun. 1974, p. 1, 4.

Os Intelectuais e os problemas de Portugal em África. «O Planalto», Nova Lisboa, 29 Jun. 1974, p. 1 (Depoimento).

Eleições no Outono. «Correio do Minho», Braga, 2 Jul. 1974, p. 1.

O Movimento em marcha. «Correio do Minho», Braga, 10 Jul. 1974, p. 1.

Clarificação. «Correio do Minho», Braga, 11 Jul. 1974, p. 1.

O Segundo 25 de Abril. «Correio do Minho», Braga, 16 Jul. 1974, p. 1.

O Momento político. «Correio do Minho», Braga, 17 Jul. 1974, p. 1.

Assumir responsabilidades. «Correio do Minho», Braga, 20 Jul. 1974, p. 1, 4.

A Missão da imprensa na hora actual. «Correio do Minho», Braga, 23 Jul. 1974, p. 1, 4.

O 25 de Abril vai agora chegar à província? «Correio do Minho», Braga, 24 Jul. 1974, p. 1, 4.

Política de autenticidade. «Correio do Minho», Braga, 30 Jul. 1974, p. 1, 4.

Penitência da Igreja bracarense: «Te Deum» pelo 25 de Abril? «Correio do Minho», Braga, 3 Ago. 1974, p. 1.

Ausência de poder (na província). «Correio do Minho», Braga, 9 Ago. 1974, p. 1.

O Segundo Governo Provisório apostado em «levar a carta a Garcia». «Correio do Minho», Braga, 29 Ago. 1974, p. 1.

Um Ensino de história para a compreensão da actualidade portuguesa. «Correio do Minho», Braga, 1 Nov. 1974, p. 1; 3 Nov. 1974, p. 1, 4; 5 Nov. 1974, p. 1.

A Personalidade política do professor Egas Moniz. «Correio do Minho», Braga, 27 Nov. 1974, p. 1, 4; 28 Nov. 1974, p. 1, 4; 29 Nov. 1974, p. 1, 4; 30 Nov. 1974, p. 1, 4.

«Correio do Minho» na hora da verdade. «Correio do Minho», Braga, 22 Dez. 1974, p. 1, 4.

Socialistas de aviário. «Correio do Minho», Braga, 7 Jan. 1975, p. 1.

Quem emperra a máquina do Estado? «Correio do Minho», Braga, 9 Jan. 1975, p. 1.

Os Intelectuais e a situação política. «Correio do Minho», Braga, 15 Jan. 1975, p. 1.

Da Ponta de Sagres partiram as caravelas e relativamente perto terminou para sempre o vergonhoso colonialismo em África. «Correio do Minho», Braga, 17 Jan. 1975, p. 1.

A Hora que vivemos. «Correio do Minho», Braga, 22 Jan. 1975, p. 1; 23 Jan. 1975, p. 1.

Problemática da Universidade do Minho. «Correio do Minho», Braga, 29 Jan. 1975, p. 1, 4.

Necessidade de estabelecimento de uma estratégia anti-obscurantista. «Correio do Minho», Braga, 30 Mar. 1975, p. 1, 4.

1.5 – CULTURA E SOCIEDADE (1946-1990)

Três anos de actividade da Biblioteca Móvel: resultados de um inquérito. «Vértice», Coimbra, 2(27/30) Mar. 1946, p. 75-77.

A Anarquia da nossa produção literária. «Informação Literária», Coimbra, Abr. 1946, p. 135-137.

A Tragédia cultural do homem vulgar. «Gazeta de Coimbra», Coimbra, 4 Jul. 1946, p. 3.

Da Acessibilidade das leituras. «Mundo Literário», Lisboa, 18, 21 Set. 1946, p. [2]; 27, 9 Nov. 1946, p. 6; 32, 14 Dez. 1946, p. 6; 47, 29 Mar. 1947, p. 7, 15.

O Moderno espírito das bibliotecas. «Vértice», Coimbra, 3 (44), Fev.-Mar. 1947, p. 293-295.

O Analfabetismo e o problema do livro. «República», Lisboa, 30 Out. 1952, p. 1.

O Sentido moderno do conceito de biblioteca. «Jornal de Notícias», Porto, 19 Abr. 1953, p. 7.

A Crítica como factor selectivo de leituras. «Jornal de Notícias», Porto, 17 Maio 1953, p. 7.

A Função das bibliotecas. «Jornal de Notícias», Porto, 14 Jun. 1953, p. 7.

A Geografia humana. «Vértice», Coimbra, 13 (121), Set. 1953, p. 547-551.

Liga Nacional dos Escritores. «Jornal de Notícias», Porto, 29 Nov. 1953, p. 7, il.

Extensão cultural: cidade e província. «Jornal de Notícias», Porto, 16 Abr. 1954, p. 7.

Ainda à volta da estátua a Francisco Sanches. «O Comércio do Porto», Porto, 23 Abr. 1954, p. 5.

Cidade e província. «Jornal de Lousada», Lousada, 24 Abr. 1954, p. 4 (Excerto de artigo publicado no Jornal de Notícias de 16 de Abril de 1954, p. 7).

Problemas concretos da cultura: a UNESCO. «Jornal de Notícias», Porto, 4 Jun. 1954, p. 7; 18 Jun. 1954, p. 6; 9 Jul. 1954, p. 7.

O Valor social da biblioteca. «Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 10 Jul. 1954, p. 4, il.

O Que é uma biblioteca moderna. «Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 7 Ago. 1954, p. 3, 4, il.

Um inquérito necessário. «Correio do Minho», Braga, 5 Mar. 1955, p. 1, 4; 6 Mar. 1955, p. 1, 3; 8 Mar. 1955, p. 1, 3; 10 Mar. 1955, p. 3; 11 Mar. 1955, p. 1, 3; 12 Mar. 1955, p. 1, 3; 13 Mar. 1955, p. 1, 4; 15 Mar. 1955, p. 1, 3; 16 Mar. 1955, p. 1, 4; 17 Mar. 1955, p. 1, 3; 18 Mar. 1955, p. 1, 3; 19 Mar. 1955, p. 1, 3; 20 Mar. 1955, p. 1, 3; 22 Mar. 1955, p. 1, 3; 23 Mar. 1955, p. 1, 4; 24 Mar. 1955, p. 1, 3; 25 Mar. 1955, p. 1, 3; 26 Mar. 1955, p. 1, 3; 27 Mar. 1955, p. 1, 3; 30 Mar. 1955, p. 1, 3; 31 Mar. 1955, p. 1, 4; 1 Abr. 1955, p. 1, 3; 2 Abr. 1955, p. 1, 2; 5 Abr. 1955, p. 1, 3; 6 Abr. 1955, p. 1, 4; 7 Abr. 1955, p. 1, 3; 8 Abr. 1955, p. 1, 3; 9 Abr. 1955, p. 1, 3; 10 Abr. 1955, p. 1, 3; 12 Abr. 1955, p. 1, 3; 13 Abr. 1955, p. 1, 4; 14 Abr. 1955, p. 1, 3; 15 Abr. 1955, p. 1, 4; 16 Abr. 1955, p. 1, 4; 17 Abr. 1955, p. 1, 4; 19 Abr. 1955, p. 1, 4; 21 Abr. 1955, p. 1, 3; 23 Abr. 1955; 3 Jun. 1955, p. 1, 3; 5 Jun. 1955, p. 1, 3; 9 Jun. 1955, p. 1, 3; 12 Jun. 1955, p. 1, 3; 15 Jun. 1955, p. 1, 3; 17 Jun. 1955, p. 1, 3; 18 Jun. 1955, p. 1, 4.

Por um conceito concreto de cultura. «Jornal de Notícias», Porto, 11 Mar. 1955, p. 7.

O Problema das bibliotecas públicas. «Jornal de Notícias», Porto, 25 Mar. 1955, p. 7.

A Importância social duma associação de escritores em Portugal. «Itinerário, Arte e Divulgação», Lourenço Marques, Out. 1955, p. 2, 15.

A Língua portuguesa e a produção editorial. «Jornal de Notícias», Porto, 4 Nov. 1955, p. 7.

Homenagem ao saudoso Dr. Custódio Silva. «Maria da Fonte», Póvoa de Lanhoso, 12 Fev. 1956, p. 1.

Atenção ao ensino primário. «A Província», Montijo, 4 Out. 1956, p. 1, 4; «Notícias do Algarve», Vila Real de Santo António, 17 Mar. 1957, p. 1, 4.

Presença da juventude. «Notícias do Algarve», Vila Real de Santo António, 14 Abr. 1957, p. 1, 4.

Éça de Queiróz: temperamento artístico único, mas consciência moral imperfeita. «A Província», Montijo, 8 Ago. 1957, p. 1, 4.

No Dealbar dum novo ano lectivo: ensino primário em Portugal. «República», Lisboa, 23 Set. 1958, p. 1, 9.

Aspectos da vida dos professores. «República», Lisboa, 30 Out. 1958, p. 1, 8.

A Cultura como pressuposto do fomento económico. «República», Lisboa, 13 Nov. 1958, p. 1, 2.

Sugere-se a integração da notável biblioteca de Joaquim de Carvalho no património do povo e ao serviço da cultura nacional. «Diário de Lisboa», Lisboa, 17 Nov. 1958, p. 7.

Cultura e orçamento. «O Comércio do Porto», Porto, 27 Jan. 1959, p. 5.

Idealismos e realidades. «Seara Nova», Lisboa, 37 (1360), Fev. 1959, p. 41.

Immanentismo e transcendentalismo na vida social. «O Comércio do Porto», Porto, 24 Mar. 1959, p. 5, 6.

As Bibliotecas móveis e os escritores. «O Comércio do Porto», Porto, 26 Maio 1959, p. 5.

Da Necessidade da extensão bibliotecária. «Nossa Terra», Cascais, 11 Jul. 1959.

Fazer ou não fazer: eis a questão!. «SEN— Sociedade Editorial Norte», Porto, 19 Nov. 1959, p. 5; «Gazeta Regional», Rio Maior, 29 Abr. 1961, p. 1, 2.

Necessidade de uma editora nacional. «O Comércio do Porto», Porto, 26 Jan. 1960, p. 5.

Atenção ao ensino primário. «Desforço», Fafe, 23 Jun. 1960, p. 1, 2; 22 Dez. 1960, p. 1, 2.

Cultura e democracia. «Vértice», Coimbra, 20 (202/203), Ago. 1960, p. 385-388.

Apontamentos para a história da cultura: a obra cultural dos portugueses no exílio em diferentes épocas da história. «República», Lisboa, 11 Jan. 1961, p. 2.

Aquilino Ribeiro, gigante da literatura portuguesa. «Desforço», Fafe, 12 Jan. 1961, p. 1, 2; «Gazeta Regional», Rio Maior, 13 Maio 1961, p. 6, 2.

De Marcelino de Matos a A. P. Lopes de Mendonça. «Seara Nova», Lisboa, 37 (1387-88), Maio/Jun. 1961, p. 102-103 (115).

A Crítica como pedagogia social. «Vértice», Coimbra, 21 (218/219) Nov.-Dez. 1961, p. 663-668.

A Instrução pública: problema central do nosso tempo. «Rio Maiorense», Rio Maior, 24 Fev. 1962, p. 1, 5.

Crise de cultura. «O Comércio do Porto», Porto, 13 Mar. 1962, p. 5; «Jornal de Letras», Rio de Janeiro, Maio 1962.

Portugal prolonga-se na sua juventude. «República», Lisboa, 7 Abr. 1962, p. 4, il.

O Congresso da Comunidade Europeia de Escritores. «Seara Nova», Lisboa, 40 (1398), Abr. 1962, p. 75-76, il.

Um Livro e um significado. «Jornal de Letras e Artes», Lisboa, 30 Jan. 1963, p. 15.

O Neo-realismo no surto da actual ensaística portuguesa. — «Vértice», Coimbra, 23 (234/236) Mar. 1963, p. 238-243.

Homenagem a Sérgio. «Seara Nova», Lisboa, 44 (1441), Nov. 1965, p. 329-330.

O Que é uma biblioteca. «Notícias de Guimarães», Guimarães, 29 Maio 1966, p. 1.

Saudemos o progresso das bibliotecas de extensão popular. «Notícias de Guimarães», Guimarães, 2 Out. 1966, p. 1, 2.

Implicações políticas dos problemas da cultura portuguesa. «A Capital», Lisboa, 29 Set. 1969, p. 3, 6.

As Universidades Populares da «Renascença Portuguesa». «O Comércio do Porto», Porto, 12 Maio 1970, p. 16, il.

A Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital de Braga. «Comércio do Porto», Porto, 11 Maio 1971, p. 16.

Tomaz da Fonseca: evocação de um apóstolo da pedagogia social. «Fronteira», Porto, 1(1), Jan. 1978, p. 110-117.

Reencontro com Bento de Jesus Caraça. «Fronteira», Porto, 1(4) Out. 1978, p. 89-96.

Alexandre Herculano, Bento de Jesus Caraça: reforma de ensino, reforma de mentalidade. «Diário de Lisboa», Lisboa, 23 Nov. 1978, p. 3, 4.

António Sérgio no assalto à «Ilha da purificação»: 1913-1914. «Fronteira», Porto, 2(5) Jan.-Mar. 1979, p. 29-40.

Sérgio: que nação somos, que poderemos ser?. «Vértice», Coimbra, 39(418/419) Mar.-Abr. 1979, p. 153-159.

Que Projecto cultural? «O Diário», Lisboa, 23 Jan. 1981, p. 3.

Escola libertadora. «Portugal Hoje», Lisboa, 12 Fev. 1981.

António Ramos de Almeida: relembrando o neo-realista do Porto. «Norte Popular», Porto, 3 Nov. 1983, p. 15.

Como conheci Tomaz da Fonseca. «Jornal de Letras», Lisboa, 16 Abr. 1985, p. 8, il.

Memória de uma geração decapitada: evocar Mário de Castro. «Diário de Lisboa», Lisboa, 24 Dez. 1985, p. 2, il; 26 Dez. 1985, p. 2, il; 27 Dez. 1985, p. 4; 30 Dez. 1985, p. 5.

Teatro em Braga. «O Pioneiro», Braga, 29 Mar. 1986, p. 5.

Recuperar o pintor à sua terra. «Correio do Minho», Braga, 14 Jun. 1989, p. 5.

António Álvaro Dória, escritor bracarense. «Correio do Minho», Braga, 25 Set. 1990, p. 5.

1.6 – A RESPONSABILIDADE DO HISTORIADOR (1954-1990)

Herculano e a constituição da nacionalidade. «Jornal de Notícias», Porto, 3 Set. 1954, p. 6; 17 Set. 1954, p. 6, il.; 24 Set. 1954, p. 7, il.; 1 Out. 1954, p. 6.

Garrett, deputado pela inteligência. «Diário de Lisboa», Lisboa, 9 Dez. 1954, p. 6, 7.

«Vencidos da vida» ou geração edificante? «Jornal de Notícias», Porto, 26 Ago. 1955, p. 7, il.

A Tradição do Anjo (Póvoa de Varzim). «Boletim do Rotary Club de Braga», Braga, 30 Jul. 1956, p. 1236-1239.

Para a história do constitucionalismo: Pedro de Amorim Viana e os preconceitos eleitorais. «Seara Nova», Lisboa, 36(1345-46) Dez. 1957, p. 234-237.

Dificuldade sobre Sampaio Bruno. «O Primeiro de Janeiro», Porto, 26 Nov. 1958, p. 3.

Um «Pensador atlético» no burgo portuense de há 100 anos: Amorim Viana. «Gazeta Literária», Porto, 6(75/76) Nov.-Dez. 1958, p. 124-125.

Dificuldade sobre Sampaio Bruno. «Voz de Portugal», Rio de Janeiro, 28 Dez. 1958, p. 5, il.

No Centenário de Sampaio Bruno: antologia preambular. «Independência de Águeda», Águeda, 7 Fev. 1959, p. 1, 2.

Sobre o carácter do socialismo de Antero de Quental. «República», Lisboa, 14 Fev. 1959, p. 1, 2.

Em Busca duma perspectiva da cultura em Portugal no séc. XIX. «O Comércio do Porto», Porto, 11 Ago. 1959, p. 6.

O Sebastianismo ou o messianismo lusitano. «O Comércio do Porto», Porto, 13 Out. 1959, p. 5.

Alexandre Vieira e o Movimento Social Português. «Terra Minhotã», Monção, 5 Dez. 1959, p. 1, 5.

Augusto Navarro. «Bandarra», Porto, 8(77) Jan. 1960, p. 33.

Saint-Simon e Amorim Viana: reflexos num pensador português do pensamento sociológico de Saint-Simon. «Vértice», Coimbra, 20(196/197) Fev. 1960, p. 34-44.

Reflexos em Portugal duma célebre polémica económico-social de meados do século XIX. «Seara Nova», Lisboa, 38(1374) Abr. 1960, p. 103-105.

Perspectiva sociológica para a compreensão de Amorim Viana. «O Comércio do Porto», Porto, 16 Maio 1960, p. 5.

Uma Crítica portuguesa oitocentista ao socialismo utópico de Fourier. «Vértice», Coimbra, 20(200) Maio 1960, p. 247-254.

Para a história das ideias económicas sociais em Portugal: 3 atitudes oitocentistas perante a economia política e Bastiat (Oliveira Pinto, Rodrigues de Freitas, Frederico Laranjo). «O Comércio do Porto», Porto, 23 Ago. 1960, p. 5.

Ramalho e a dialéctica das gerações. «Desforço», Fafe, 17 Nov. 1960, p. 2, 3.

Dificuldades para a compreensão do pensamento amoriniano. «O Comércio do Porto», Porto, 13 Dez. 1960, p. 5, il.

A Geração de 1852. «Seara Nova», Lisboa, 37 (1381-82), Dez. 1960, p. 321-325, il.

A Introdução em Portugal do estudo da economia política. «Vértice», Coimbra, 21 (208), Jan. 1961, p. 3-15.

Amorim Viana e Madame Lafarge. «O Comércio do Porto», Porto, 14 Fev. 1961, p. 5; 28 Fev. 1961, p. 5; 28 Mar. 1961, p. 5.

Atribulações e sucessos de um grande liberal e jornalista: José de Sousa Bandeira. «República», Lisboa, 26 Fev. 1961, p. 1, 2.

Para a história das relações culturais luso-espanholas. «Bandarra», Porto, 9(1/3) Mar. 1961, p. 66-68.

Introdução a Custódio José Vieira. «O Comércio do Porto», Porto, 13 Jun. 1961, p. 5.

Ramalho e a dialéctica das gerações. «Vida Social», Rio Maior, 1 Jul. 1961, p. 1, 2.

História e actualidade. «Vida Social», Rio Maior, 26 Ago. 1961, p. 1, 6.

Economia e História. «Vértice», Coimbra, 21 (214/215), Ago. 1961, p. 455-460.

António Luís Gomes: símbolo de uma geração patrioticamente renovada. «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2 Set. 1961, p. 1, 2; «República», Lisboa, 9 Set. 1961, p. 1, 2.

O Espírito de renovação na crítica de Teófilo ao liberalismo. «O Comércio do Porto», Porto, 26 Set. 1961, p. 5, il.

Variações sobre o tema da necessidade de uma atitude crítica perante a revolução de 1910. «República», Lisboa, 4 Out. 1961, p. 4.

Duas posições antitéticas no primeiro jornal socialista português, «O Eco dos Operários» (1850-51). «Vértice», Coimbra, 22 (221), Fev. 1962, p. 101-106.

Antero, intelectual intervencionista. «Comércio do Porto», Porto, 24 Abr. 1962, p. 5, il.

Sobre os ideais do séc. XIX. «República», Lisboa, 30 Abr. 1962, p. 2, 7.

Frustração do liberalismo e primeira fase do socialismo português. «O Comércio do Porto», Porto, 8 Maio 1962, p. 6, il.

O «Eco dos Operários»: achegas sobre a primeira imprensa socialista em Portugal. «Seara Nova», Lisboa, 40 (1399), Maio 1962, p. 104-107.

Proudhon e Antero de Quental. «O Comércio do Porto», Porto, 22 Jan. 1963, p. 5, il.

Antero e a 1ª Internacional. «República», Lisboa, 28 Fev. 1963, p. 1, 11.

Unificação do proletariado português sob a égide do abstencionismo político. «República», Lisboa, 4 Mar. 1963, p. 1, 2.

Identidade de Antero com Proudhon. «O Comércio do Porto», Porto, 12 Mar. 1963, p. 5.

Antero e Teófilo na diferenciação das correntes socialista e republicana. «Diário de Lisboa», Lisboa, 21 Mar. 1963, p. 19, 22.

O Socialismo proudhoniano de Antero de Quental. «O Comércio do Porto», Porto, 9 Abr. 1963, p. 5, 6.

O Início da carreira jornalística de Custódio José Vieira. «República», Lisboa, 27 Out. 1963, p. 5.

Portugueses em França no período oitocentista. «O Comércio do Porto», Porto, 10 Dez. 1963, p. 5, il.

Desalienação histórica. «O Comércio do Porto», Porto, 28 Abr. 1964, p. 5.

Antero: cem anos depois. «O Comércio do Porto», Porto, 10 Maio 1966, p. 14.

Homenagem a Sérgio. «O Comércio do Porto», Porto, 10 Ago. 1965, p. 5.

Importante estudo sobre Portugal. «O Comércio do Porto», Porto, 13 Set. 1966, p. 5.

A Patuleia no Alto Minho: alguns pormenores da sua história. «Bulletin des Études Portugaises», Lisbonne, 27, 1966, p. 292-298.

Nota sobre a cisão entre os emigrados liberais. «O Comércio do Porto», Porto, 24 Jan. 1967, p. 14, 13.

Este termo: Patuleia... «O Comércio do Porto», Porto, 23 Maio 1967, p. 16, 15.

A Propósito de «guerrilhas» e «barricadas»: a responsabilidade do historiador. «Comércio do Porto», Porto, 27 Ago. 1968, p. 16.

Características do liberalismo em Portugal. «Vértice», Coimbra, 29 (305), Fev. 1969, p. 82-96.

O Golpe de estado da «Vilafrancada» (1823). «O Comércio do Porto», Porto, 25 Mar. 1969, p. 14.

O Golpe de estado da «Belenzada». «O Comércio do Porto», Porto, 24 Maio 1969, p. 14.

Consequências do golpe militar da «Vilafrancada» (1823). «O Comércio do Porto», Porto, 27 Maio 1969, p. 14, il.

Um Escritor social na Assembleia Constituinte de 1837-1838: Francisco Solano Constâncio. «Seara Nova», Lisboa, 47 (1483), Maio 1969, p. 173-175.

Situação da historiografia portuguesa. «Vértice», Coimbra, 20 (308), Maio 1969, p. 394-396.

O Carácter popular da revolução de Setembro. «O Comércio do Porto», Porto, 22 Jul. 1969, p. 14.

Circunstâncias da eclosão do movimento liberal. «República», Lisboa, 24 Jul. 1969, p. 1, 6.

Proudhon e a «Geração de 70». «A Capital», Lisboa, 30 Jul. 1969, supl. «Literatura e Arte», 4, p. 1, 2, il.

A Mistificação do conceito de «Setembrismo». «O Comércio do Porto», Porto, 12 Ago. 1969, p. 14.

Plano de actividades para um centro de investigação histórica. «Seara Nova», Lisboa, 47 (1486), Ago. 1969, p. 279.

A Oposição democrática ao ministério Setembrista. «O Comércio do Porto», Porto, 28 Out. 1969, p. 14.

As Reformas do Setembrismo. «O Comércio do Porto», Porto, 25 Nov. 1969, p. 14, il.

Do Liberalismo ao corporativismo: Silvestre Pinheiro Ferreira. «Seara Nova», Lisboa, 47 (1489) Nov. 1969, p. 382-384.

O Perfil de uma revista: «A Águia», Porto, 1910-1932. «O Comércio do Porto», Porto, 24 Mar. 1970, p. 16.

Proudhon e a geração de 70. «Província de Angola», Luanda, 1 Jul. 1970, p. 17, 20, il.

Dificuldades na investigação do período liberal. «A Capital», Lisboa, 3 Jul. 1970, p. 3.

A Prática na investigação. «O Comércio do Porto», Porto, 14 Jul. 1970, p. 14.

O Drama nacional do liberalismo. «Notícias da Amadora», Amadora, 22 Ago. 1970, p. 1.

O Sábio Ribeiro Sanches: um «estrangeirado». «O Comércio do Porto», Porto, 13 Out. 1970, p. 14.

A Má consciência nacional a respeito de Ribeiro Sanches. «O Comércio do Porto», Porto, 8 Dez. 1970, p. 16.

O Pensamento económico e social de Ribeiro Sanches. «Seara Nova», Lisboa, 48 (1503) Jan. 1971, p. 27-31, il.

Ribeiro Sanches em Paris. «O Comércio do Porto», Porto, 23 Mar. 1971, p. 16.

Notícia de manuscritos setecentistas existentes no arquivo da Biblioteca Pública de Braga. «Bracara Augusta», Braga, 28 (65/66) 1974, p. 337-366 (Sep.).

País colonizador – país colonizado: privilégios ingleses em Portugal. «O Século», Lisboa, 3 Jul. 1975, p. 2.

Os Tratados luso-britânicos de 1810. «O Século», Lisboa, 4 Jul. 1975, p. 2.

Circunstâncias da imposição dos tratados. «O Século», Lisboa, 5 Jul. 1975, p. 2.

Nas Encruzilhadas do movimento operário português. «Vértice», Coimbra, 37 (400/401), Out. 1977, p. 530-543.

Formação do movimento operário português. «O Jornal», Lisboa, 14 Abr. 1978, p. 24; 21 Abr. 1978, p. 26; 28 Abr. 1978, p. 24.

Perspectivação histórica para a compreensão do presente. «Diário de Lisboa», Lisboa, 7 Nov. 1978, p. 3, 4.

A Nossa fatalidade é a nossa história. «Jornal de Notícias», Porto, 5 Dez. 1978, p. 13.

O Problema básico da nacionalidade em António Sérgio. «História», Lisboa, 4, Fev. 1979, p. 34-41.

O Contemporâneo na História. «Jornal de Notícias», Porto, 10 Abr. 1979, p. 13.

Antero e Alberto Sampaio no Norte. «Jornal de Notícias», Porto, 3 Jul. 1979, p. 13.

Alberto Sampaio, Oliveira Martins e a «Vida Nova». «História», Lisboa, 14, Dez. 1979, p. 52-58.

Manuel Monteiro ou a República inviável. «Mínia», Braga, 3 (4), 1980, p. 3-37 (Sep.).

Congressos operários galaico-portugueses no dealbar do século. «Revista Técnica do Trabalho», Porto, 7/8, Jan.-Jun. 1981, p. 111-119 (Comunicação apresentada no Encontro Galaico-Português realizado em Vila Real pela Fundação da Casa de Mateus em 28 Nov. e 1 Dez. 1980).

Contradições do liberalismo em Portugal. «Jornal de Letras», Lisboa, 28 Abr. 1981, p. 9, il.

Mouzinho da Silveira, agrário e magistrado. «Jornal de Notícias», Porto, 19 Maio 1981, p. 13.

O Pólítico Mouzinho da Silveira. «Jornal de Notícias», Porto, 11 Ago. 1981, p. 13.

O Cartista Mouzinho da Silveira. «Jornal de Notícias», Porto, 15 Set. 1981, p. 13.

Colonialismo e descolonização no pensamento reformador de Mousinho da Silveira, 1832. «Revista de História», Porto, 4, 1981, p. 153-161 (Sep.).

Problemas e perspectivas num inventário da imprensa operária portuguesa. «Análise Social», Lisboa, 17 (67/68), 1981, p. 839-860.

A Questão agrária no tempo de Sidónio Pais. «A Cidade», Portalegre, 3 Fev. 1982, p. 29-31.

Sobre as relações com a União Soviética em 1926: como eram encaradas no Senado da República. «O Diário», Lisboa, 13 Jun. 1982, p. 21.

A Questão agrária no pensamento republicano de José Relvas. «O Diário», Lisboa, 20 Out. 1982, p. 11.

Congressos obreiros galego-portugueses no dealbar do século XX. «A Nosa Terra», Vigo, 210, 24 Dec. 1982, p. 12-13.

Santos Graça político: um «democrático» tipo de republicano conservador. «Póvoa de Varzim: Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, XXI (2), 1982, p. 221-219, il.

Mouzinho da Silveira, revolucionário a título póstumo. «Boletim Cultural da C.M. Porto», Porto, 2ª série, 1, Jul. 1983, p. 207-227.

O 1º de Maio de 1890 foi nas Antas. «O Diário», Lisboa, 25 Mar. 1983, p. 3.

O Descanso aos Domingos, conquista de quasi há um século: um caso exemplar em Braga. «O Pioneiro», Braga, Jul. 1983, p. 1, 2.

Um Jornal democrático de Celorico em 1884. «O Povo de Basto», Celorico de Basto, 16 Jul. 1983, p. 1.

(Re)ler Antero. «Norte Popular», Porto, 7 Out. 1983, p. 18.

Ainda o descanso semanal, ou a longa caminhada das reivindicações laborais. «O Pioneiro», Braga, Out. 1983, p. 1-2.

Notícia sobre a imprensa operária portuguesa. «Revista de História», Porto, 5, 1983, p. 143-157.

Projecto de reforma agrária na I República. «Análise Social», Lisboa, vol. 2, 19(77/78/79) 1983, p. 591-610.

Evolução do movimento operário e do sindicalismo em Portugal. «Sitava», Lisboa, 2ª série, 1, Fev. 1984, p. 24-25; 2, Mar. 1984, p. 24-26; 4, Maio 1984, p. 27-28; 5, Jun. 1984, p. 28-29; 6, Jul. 1984, p. 24-26; 7, Set. 1984, p. 33-36; 8, Out. 1984, p. 25-26; 9, Nov.-Dez. 1984, p. 25-26; 10, Jan. 1985, p. 29.

História e estórias. «Sitava», Lisboa, 2ª série, 16, Set.-Out. 1984, p. 20.

Nota sobre Mouzinho da Silveira. «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, 2ª série, 1, 1984, p. 203-210.

A Crise do liberalismo português no decreto sobre forais de Mouzinho da Silveira. «Jornal de Notícias», Porto, 25 Set. 1984, p. 12.

Aviso à navegação. «Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 10 Out. 1985, p. 1, 7.

A História, gostar ou não gostar: porquê? «O Pioneiro», Braga, 3 (24), Out. 1985, p. 3.

A Reforma administrativa liberal que precedeu a de Mouzinho da Silveira. «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, 2ª série, 2, 1985, p. 211-216.

Cem anos depois dos acontecimentos de Chicago. «Alavanca: Revista do Trabalho», Lisboa, 4ª série, 4, Jan.-Mar. 1986, p. 5-7; «A Voz de Famalicão», V. N. Famalicão, 1 Maio 1986, p. 1, 6.

Dramas da descolonização. «Seara Nova», Lisboa, 7, Jul.-Ago. 1986, p. 22-26 (Inclui transcrição do relatório do Conde de Rio Maior).

Nota sobre o ensino da História na primeira Faculdade de Letras do Porto. «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, 2ª série, 3, 1986, p. 199-209.

José Relvas: da implantação à restauração da República. «O Diário», Lisboa, 14 Nov. 1987, p. 11.

A Imprensa oitocentista até ao triunfo do liberalismo. «Jornal de Notícias», Porto, 1 Jun. 1988, p. 12.

Salazar e o nazismo: um caso de selectividade política de arquivos governamentais. «URAP», Lisboa, 48, Jun.-Set. 1988, p. 4 e 3 (Comunicação apresentada ao Simpósio de Historiadores, Viena, 1988).

A Resistência na génese da renovação historiográfica em Portugal. «Vértice», Lisboa, 2ª série, 8, Nov. 1988, p. 100-102.

A Subida ao poder da burguesia em Portugal: dificuldades e condicionalismos. «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, 2ª série, 5, 1988, p. 245-252.

O Espírito de Linz entre historiadores do movimento operário. «Diário de Lisboa», Lisboa, 3 Out. 1989, p. 18 (Inclui pequena referência à actividade profissional do autor).

Nota sobre Maria da Fonte. «Malaposta», Lisboa, 3, Out. 1989, p. 32.

Releitura de «O Arquivo Nacional» (1933-1942): fascismo e contradições em Rocha Martins. «Vértice», Lisboa, 2ª série, 21, Dez. 1989, p. 107-111.

Sobre Armando de Castro. «O Professor», Lisboa, 3ª série, 4, Abr. 1990, p. 6-7.

História e progresso. «Seara Nova», Lisboa, 29, Maio-Jun. 1990, p. 5-12.

Universidades populares na I República. «Vértice», Lisboa, 2ª série, 30, Set. 1990, p. 98-100.

O Povo na época contemporânea portuguesa. «Montelongo», Fafe, 5 Out. 1990, p. 6; 8 Out. 1990, p. 4; 11 Nov. 1990, p. 4.

1.7 – QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS (1952-1990)

O «Plano de Fomento», considerações de um cidadão anónimo. «República», Lisboa, 27 Set. 1952, p. 1, 4.

As Ideias e a política. «República», Lisboa, 28 Mar. 1959, p. 1, 2.

O Destino dos povos. «Gazeta Regional», Rio Maior, 18 Fev. 1961, p. 1, 8.

A Coerência do pensamento em Abel Salazar. «O Comércio do Porto», Porto, 14 Nov. 1961, p. 5, il.; «Jornal da Trofa», Trofa, 16 Mar. 1963, p. 1, 4.

Do Associativismo ao sindicalismo em Portugal. «O Instituto», Coimbra, 138, 1977, p. 19-44 (Sep.).

Sérgio ensina-nos a ler a nossa revolução. «Diário de Lisboa», Lisboa, 15 Nov. 1978, p. 3.

António Sérgio, a república e a revolução. «Diário de Lisboa», Lisboa, 20 Nov. 1978, p. 3, 4.

Fundamentação histórica da reforma agrária no pensamento de Sérgio. «Diário de Lisboa», Lisboa, 12 Fev. 1979, p. 3, 4.

O Sentido revolucionário da descolonização na óptica Sergiana. «Diário de Lisboa», Lisboa, 13 Fev. 1979, p. 3, 4.

Descolonização e revolução segundo António Sérgio. «O Diário», Lisboa, 14 Fev. 1979, p. 3, 4.

Reflexões sobre o colonialismo. «Organismo de Retornados do P.C.P.», Lisboa, [1977].

Democracia e socialismo... aqui e agora. «Fronteira», Porto, 3 (9) Jan.-Mar. 1980, p. 33-49.

Problemas educacionais no programa do VII Governo. «O Povo de Basto», Celorico de Basto, 16 Fev. 1981, p. 1.

O 25 de Abril e o renascer da cultura popular. «O Diário», Lisboa, 16 Mar. 1981, p. 3.

A Descolonização irreversível. «O Diário», Lisboa, 20 Maio 1984, p. 2.

III Conferência da Associação U.R.S.S.-Portugal. «Paz e Amizade», Lisboa, 46, Jan.-Fev. 1987, p. 31-32.

A Luta e a vida de um sindicalista de há 60 anos. «Alavanca: Revista do Trabalho», Lisboa, 4ª série, 3, Out.-Dez. 1985, p. 66-71 (Entrevista a Manuel Guilherme de Almeida).

A Pirâmide da resistência. «Correio do Minho», Braga, 18 Out. 1987, p. 5.

Anos que valem um século. «Mulher Soviética», Moscovo, Nov. 1987, p. 9.

Reflexão no 70º aniversário da Grande Revolução de Outubro. «Paz e Amizade», Lisboa, 50, Set.-Out. 1987, p. 11-12.

A II Revolução leninista? «Paz e Amizade», Lisboa, 53, Mar.-Abr. 1988, p. 3-4.

Explicar o fascismo às novas gerações. «Seara Nova», Lisboa, 17, Abr.-Maio 1988, p. 16-18.

A Perestroika no III encontro de historiadores portugueses e soviéticos. «Vértice», Lisboa, 2ª série, 6, Set. 1988, p. 106-108.

Eleições salazaristas. «Seara Nova», Lisboa, 22, Mar.-Abr. 1989, p. 34-38.

Hora da verdade. «Seara Nova», Lisboa, 27, Jan.-Fev. 1990, p. 8-12.

Sentido do tempo. «Seara Nova», Lisboa, 28, Mar.-Abr. 1990, p. 3-6.

Fascismo no quotidiano. «O Professor», Lisboa, 3ª série, 5, Maio 1990, p. 30-31.

2 – ENTREVISTAS, DEPOIMENTOS, DISCURSOS (1959-1988)

Um Inquérito da «República». «República», Lisboa, 20 Jan. 1959, p. 1, 9, il.

Últimas respostas ao nosso inquérito. «Jornal de Notícias», Porto, 4 Fev. 1960, p. 10, il.

Abel Salazar distingue-se no panorama intelectual português pela marca científica do seu pensamento. «República», Lisboa, 14 Mar. 1962, p. 2.

O 1º aniversário do nosso jornal: discursos proferidos no jantar de confraternização. «Jornal da Trofa», Trofa, 31 Mar. 1962, p. 4-5.

O Congresso da Comunidade Europeia de Escritores: uma entrevista com Vítor de Sá. «Seara Nova», Lisboa, 40 (1398), Abr. 1962, p. 75-67.

Vítor de Sá responde ao questionário de Proust. «Jornal de Letras e Artes», Lisboa, 29 Ago. 1962, p. 1, il.

Escrevo por imposição de consciência cívica: sinto e sofro os problemas do meu tempo e do povo a que pertenço. «Jornal de Letras e Artes», Lisboa, 29 Maio 1963, p. 7, 10.

Conversa em Paris com Vítor de Sá. «Diário de Lisboa», Lisboa, 4 Fev. 1965, p. 5-6.

Os Trabalhos de Vítor de Sá no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros em Paris. «Diário de Lisboa», Lisboa, 22 Jul. 1965, supl. «Vida Literária e Artística», 364, p. 5.

Porque sou republicano. «República», Lisboa, 29 Nov. 1966, p. 1, 2.

«República» entrevista Dr. Vítor de Sá (Braga). «República», Lisboa, 29 Set. 1969, p. 5.

Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Braga: comentário do Dr. Vítor de Sá à exclusão da sua candidatura. «O Comércio do Porto», Porto, 30 Set. 1969, p. 8.

Campanha eleitoral: inquérito «N. A.». «Notícias da Amadora», Amadora, 29 Set. 1973, p. 7.

A conferência do Professor Vítor de Sá. «Independência de Águeda», Águeda, 18 Fev. 1977, p. 10, 4, 7.

Vítor de Sá: «Estamos a assistir à formação de outro mundo novo». «O Diário», Lisboa, 26 Jun. 1978, p. 13, il.

Vítor de Sá: é na ligação dialéctica entre o autor e o leitor que a obra se projecta. «O Diário», Lisboa, 1 Maio 1979, p. 28.

«Watergate» Sá Carneiro: opinião. «O Diário», Lisboa, 31 Jul. 1980, p. 7.

Já não posso dar-me ao luxo de adiar projectos. «Ponto», Lisboa, 10 Set. 1981, p. 21.

Inquérito. «O Diário», Lisboa, 29 Nov. 1981, Suplemento Cultural, p. 5.

Vitor de Sá: voto nos que trabalham e sofrem. «Gazeta Eleitoral Povo Unido», Braga, Abr. 1983, p. 2.

O Sábio Ribeiro Sanches morreu há 200 anos: o historiador Vitor de Sá explica como chegou a Braga boa parte do seu espólio. «Correio do Minho», Braga, 14 Out. 1983, p. 4.

O 25 de Abril, dez anos depois. «O Professor», Lisboa, 63, Abr. 1984, p. 19-20.

Imprensa no distrito de Setúbal: sobre um reparo de M. Lourenço Soares, carta do Dr. Vitor Sá. «Jornal de Almada», Almada, 26 Set. 1986, p. 3.

Não se pode ocultar a verdade da história. «O Diário», Lisboa, 3 Dez. 1988, supl. «Fim de Semana», p. 16.

Depoimento. «Ler História», Lisboa, 14, 1988, p. 131.

3 – MONOGRAFIAS (1942-1991)

A Mocidade de Antero. Braga, Futuro, 1942.

Bibliografia queirosiana. Braga, Biblioteca Móvel, 1945.

O Que foi a Biblioteca Móvel. Braga, V. Sá, 1954.

O Que é a Unesco. Braga, V. Sá, 1955.

As Bibliotecas, o público e a cultura: um inquérito necessário. Braga, V. Sá, 1956 ([2ª ed. aum.], Lisboa, Livros Horizonte, 1983).

Problemas de mentalidade. Braga, Centro Cultural do Minho, 1957.

Panorâmica do livro em Portugal. Caldas da Rainha, José dos Santos Marques, 1958.

Sociedade e cultura. Braga, Liv. Victor, 1958.

Amorim Viana e Proudhon. Lisboa, Seara Nova, 1960.

Amorim Viana: ensaio bio-bibliográfico. Figueira da Foz [s.n.], 1960.

Cultura e democracia. Braga, V. Sá, 1961.

História e actualidade. Braga, V. Sá, 1961.

Antero de Quental. Braga, V. Sá, 1963 ([2ª ed.], Porto, Limiar, 1977).

Ribeiro Sanches: Dificuldades que tem um velho reino para emendar-se e outros textos. Porto, Inova, 1971 (2ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1980).

Perspectivas do século XIX. Lisboa, Portugália, 1964 (2ª ed., Porto, Limiar, 1975).

A Crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal: 1820-1852. Lisboa, Seara Nova, 1969 (2ª ed. 1970; 3ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1979).

A Revolução de Setembro de 1836. Lisboa, D. Quixote, 1969 (2ª ed., 1970; 3ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1978).

Texto integral da entrevista de Victor de Sá ao «Jornal de Notícias»: 22 de Maio de 1969. Braga, V. Sá, 1969.

Regressar para quê? Lisboa, D. Quixote, 1970.

A História em discussão. Lisboa, D. Quixote, 1975.

A Personalidade política de Egas Moniz. Aveiro, Junta Distrital, 1975.

Repensar Portugal: reflexões sobre o colonialismo e a descolonização. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

Esboço histórico das Ciências Sociais em Portugal. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

Formação do movimento operário português: memória de uma repressão. Coimbra, Centelha, 1978.

A Historiografia sociológica de António Sérgio. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.

Manuel Monteiro ou a República inviável. Braga, Universidade do Minho – Biblioteca Pública, 1980.

No Mar do futuro. Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

Época contemporânea portuguesa I: onde o Portugal velho acaba. Lisboa, Livros Horizonte, 1981.

Mousinho da Silveira: revolucionário a título póstumo. Portalegre, O Semeador, 1981.

Movimento operário e sindicalismo em Portugal. Porto, Revista Técnica do Trabalho, 1981.

Raízes históricas dos princípios da C.G.T.P.-IN. Lisboa, Edições 1 de Outubro, 1981.

Sociologia em Amorim Viana. Lisboa, Livros Horizonte, 1981.

O Sampaio da «Revolução» nas fracturas do século. Porto, A.J.H.L.P., 1984.

Liberais & republicanos. Lisboa, Livros Horizonte, 1986.

Instauração do liberalismo em Portugal. Lisboa, Livros Horizonte, 1987.

Fascismo no quotidiano. Lisboa, Vega, 1989.

Roteiro da Imprensa Operária e Sindical (1836-1986). Lisboa, Editorial Caminho, 1991.

4 – COLABORAÇÃO EM OBRAS COLECTIVAS (1963-1988)

A Tradição do Anjo (Póvoa de Varzim), in «Congresso de Etnografia e Folclore, 1, Lisboa, 1956 – Actas», vol. 2, Lisboa, Junta de Acção Social, 1963, p. 363-368.

Amorim Viana: ensaio bio-bibliográfico, in «Miscelânea de estudos a Joaquim de Carvalho», vol.3, Figueira da Foz, Biblioteca Museu Joaquim de Carvalho, 1960, p. 303-336.

Inquérito sobre Abel Salazar: [respostas], in «Presença de Abel Salazar». Porto, Inova, 1969, p. 83-88.

Manifesto eleitoral de 1957 [e outros textos], in «Intervenção política: democratas de Braga». Porto, Inova, 1970.

[Ainda até hoje], in «Companheiro Vasco». Porto, Inova, 1977, p. 531-532.

Almanaque de Lembranças, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 549.

Almanaque de Ponte de Lima, in «Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol.1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 151.

Arquivo Pitoresco, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 460-461.

Assembleia Literária, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 498.

Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol.1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 500.

AULETE, Caldas, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 516.

«Aurora do Lima», in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, Lisboa, vol. 1, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 517.

AZEVEDO, João Lúcio de, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 554.

BANDEIRA, José de Sousa, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 587-588.

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, in «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», vol.1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [1977], p. 730-733.

Responsabilidades culturais na projecção internacional crescente da língua portuguesa, in «Encontro Nacional para a Investigação e o Ensino do Português, 1, Lisboa, 1976 – Actas». Lisboa, Centros de Linguística das Universidades de Lisboa..., 1979, p. 61-65.

[Depoimento], in «A Reforma agrária acusa». Lisboa, Caminho, 1980, p. 255-263.

Alberto Sampaio ontem e hoje, in «Congresso Histórico de Guimarães e da Colegiada, Guimarães, 1980 – Actas», vol. 4, Guimarães, 1981, p. 177-198.

Factores da crise do liberalismo em Portugal, in «O Liberalismo na Península Ibérica na 1ª metade do século XIX», vol.1, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 27-30.

Factor objectivo favorável a prosseguir Abril: a descolonização irreversível, in «Seminário 25 de Abril dez anos depois». Lisboa, Associação 25 de Abril, 1984, p. 269-270.

Der Kampf der Werktätigen Landbevölkerung in Portugal, in «Bauern und Bürgerliche Revolution». Berlin, Akademie-Verlag, 1985, p. 119-127.

Testemunho da mudança, in «Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1, Porto, 1985 – A Informação em Tempo de Mudança. Actas», vol.2, Porto, 1985, p. 491-494.

Biblioteca Pública de Braga, in «Bibliotecas: memórias e mais dizeres». Braga, Biblioteca Pública, 1988, p. 43-45.

Condicionantes nacionais, in «80º Aniversário da Vitória do Partido Republicano em Ramalde». Porto, Comissão de Jovens de Ramalde, 1988, p. 5-7.

O Horizonte liberal dos ideais socialistas em Portugal, in «Portugal da Revolução Francesa ao Liberalismo, Braga, 1986 – Actas do Colóquio». Braga, Universidade do Minho, 1988, p. 69-84.

150 anos da revolução de Setembro: 1836-1986, Santarém. Comemorações. Santarém, Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural, 1989.

Fachismus Krieg Widerstand, in «Historikersimposium der FIR, Wien, 1989» Wien, FIR, 1989.

Memória de uma geração decapitada: evocar Mário de Castro, in «Filosofia. História. Conhecimento: homenagem a Vasco Magalhães Vilhena». Lisboa, Caminho, 1990, p. 281-294.

5 – PREFÁCIOS (1964-1988)

NOGUEIRA, César – *Notas para a história do socialismo em Portugal*. Lisboa, Portugaláia, 1964.

SILVA, José – *Memórias de um operário*. Porto [s.n.], 1971.

VENTURA, António – *As guerras liberais em Portalegre*. Portalegre, Assembleia Distrital, 1982.

Exposição sobre a imprensa operária no distrito de Setúbal. Setúbal, Associação dos Municípios, 1985.

BRANDÃO, Raul – *Vida e morte de Gomes Freire*. Lisboa, Comunicação, 1988.

6 – INTERVENÇÕES NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA (1980-1981)

Património cultural do palácio de S. Bento. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 1ª Legislatura, 16, 15 Fev. 1980, p. 617.

Estatuto da carreira docente universitária. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 1ª Legislatura, 19, 23 Fev. 1980, p. 715-716.

IV centenário da morte de Camões. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 1ª Legislatura, 35, 11 Abr. 1980, p. 1443.

Dia mundial do teatro. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 1ª Legislatura, 36, 12 Abr. 1980, p. 1470.

Apresentação do projecto-lei de defesa do património cultural e arqueológico. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 1ª Legislatura, 63, 6 Jun. 1980, p. 2886-2887.

À Memória do historiador Joaquim Barradas de Carvalho. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 1ª Legislatura, 67, 21 Jun. 1980, p. 3092.

Sobre direitos de autor. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 2ª Legislatura, 12, 19 Dez. 1980, p. 363-365.

Sobre o centenário do Poeta João de Barros. «Diário da Assembleia da República. I Série», Lisboa, 28, 11 Fev. 1981, p. 958.

6.1 INTERVENÇÕES PUBLICADAS NA IMPRENSA.

Interesses deste distrito defendidos no parlamento pelo deputado Vítor de Sá. «Correio do Minho», Braga, 19 Abr. 1980, p. 1.

Uma Intervenção do deputado Dr. Vítor de Sá na A.R. pelo círculo de Braga. «O Desforço», Fafe, 8 Maio 1980, p. 2.

Interesses deste distrito defendidos no parlamento pelo deputado Vítor de Sá. «O Comércio de Guimarães», Guimarães, 9 Maio 1980, p. 1, 2.

Separata do livro
ESTUDOS DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Edição de
LIVROS HORIZONTE

biblioteca
municipal
barcelos



54934

Victor de Sá um homem na
história